

# 3 + 1

Tudo o que é profundo ama a máscara  
ANTÓNIO NEVES NOBRE e RITA FERREIRA  
Curadora ANA CRISTINA CACHOLA  
23.06.17 - 23.09.17  
Inauguração 23.06.17, 19h-22h

A verdade são as máscaras

A verdade enquanto absoluto é, porque não dizê-lo, um lugar de discussão extemporâneo. A teia metafísica que estabeleceu a verdade enquanto destino, vontade ou desejo esboroou-se na ruína positivista, tomando o seu lugar um diálogo inclusivo de posições subjectivas e de verdades polimórficas. É neste campo de possibilidades infinitas que a relação entre imagem e verdade se estabelece enquanto tropo da produção visual (artística) contemporânea.

*Tudo o que é profundo ama a máscara* coloca em discussão as dinâmicas representativas que permeiam a produção de imagens através dos tempos. Nesta exposição, o gesto pictórico e a criação imagética são expostos enquanto embustes, enganos e fingimentos que permitem o surgimento de verdades anteriores e ulteriores, mostrando como todos estes gestos são essenciais para um fazer novo ou de algo novo. Este fazer novo é também o fazer da verdade, partindo da certeza de que a verdade só acontece no campo da representação. As dinâmicas representacionais, assim como o seu estatuto ontológico, são colocadas em discussão através de estratégias múltiplas que colocam a representação para lá de uma função referencial ou simulacral. A representação é criação (artística).

A frase de Nietzsche, em *Além do Bem e do Mal*, - “tudo o que é profundo ama a máscara” - é convocada, em formulação titular, para questionar precisamente a articulação entre as possibilidades criadoras e o irracional poético: a máscara que torna as imagens reais. Esta articulação é tratada por António Neves Nobre e Rita Ferreira a partir de posições localizadas dentro do território - sempre dilatado - da pintura. Através de estratégias subjectivas, os dois artistas constroem um imaginário ritualista que recupera tanto o festivo quanto o sacrificial. Celebra-se e sacrifica-se a verdade em nome dela própria.

As obras de António Neves Nobre estão, igualmente, além do bem e do mal, não contendo uma história moral - não por acaso todas elas são obras *Sem Título* -, uma intenção figurativa ou uma inclinação metafórica. Pode mesmo dizer-se que é essa localização, em limbo premeditado, que lhes confere atributos aparentemente contraditórios, uma pulsão tensional - entre a ascensão e a queda, o figurativo e o abstracto, a monocromia e a diversidade cromática. Se por um lado, as suas obras mostram a força lumínica do fogo, uma irradiação estelar; por outro contêm uma dimensão liquefeita que declara a vontade reveladora da matéria pictórica, fazendo coincidir experiência e representação.

Não há portanto um referencial ou certeza verosimilhante que se situe a montante da sua pintura, a pintura mostra um processo relexivo-visual, ou seja, não existe qualquer instância exterior ao artista que condicione o resultado visual: cada pintura testemunha os gestos reflexivos e reflectidos de António Neves Nobre. Recorde-se que a última exposição do artista tinha como título *Testemunhas*, convocando para a discussão o estatuto testemunhal dos aqui e agora que (trans)formam a obra de arte. É essa sucessão de momentos que é desvelada nas camadas explícitas envolvidas em cada pintura, composição por rasura e procura. Neste sentido, a obra de António Neves Nobre assenta numa “actividade estratográfica”, para usar a expressão de Douglas Crimp, em que, através de estratégias várias, são questionados os vários estratos da representação, as várias dimensões que interagem e interagem para fazer as imagens significar visualmente.

# 3 + 1

Rita Ferreira questiona compulsivamente a verdade do médium: as suas obras são sempre pinturas que não são pinturas – uma verdade que afirma que não há verdade –, paradoxos pictóricos, de predisposição escultórica e instalatória, que se desdizem em desejo que pinta. Se tudo o que é profundo ama a máscara, é, pois, uma pintura mascarada de tudo, até dela própria, que permeia o trabalho da artista. Nele há uma insistência em apresentar os objectos arredados do seu contexto, levando o observador a construir estruturas de significação que acolham estes objectos, da mesma forma que artista constrói estruturas-esculturas que recebem a pintura além da tela.

Cada obra de Rita Ferreira assume-se enquanto dispositivo de criação imagética, do qual resultam territórios imaginados que demonstram como a alteração ou obliteração do contexto, assim como a justaposição de imagens, podem alargar a significação e complexificá-la. Sabe-se que Rita Ferreira pinta objectos, mas desconhece-se a sua origem, referência ou reverência; são objectos porque respeitam as convenções objectuais – limitados em contorno, expandidos em (im)possibilidade operativa. A artista faz-nos acreditar na sua preponderância e validade, mesmo que se duvide da sua existência. São verdade porque existem ali naquele lugar específico como uma espécie de jogo de linguagem (pictórico) wittgensteiniano que só *in situ* significa.

Procedentes de origens distintas, as obras de António Neves Nobre e Rita Ferreira parecem distanciar-se sempre, mas em caminhos paralelos, caminhos que perseguem os mecanismos representacionais sem qualquer tipo de destino final. A verdade é sempre representação e a representação é sempre processo acíclico e espontâneo. Não quer isto dizer que o procedimento artístico esteja privado de intencionalidade, a intenção é *per se* meio e fim. Não pretendendo encontrar uma verdade além ou aquém da pintura, as obras apresentadas nesta exposição não se inscrevem apenas numa genealogia artística, denunciando, superando ou continuando um movimento ou tendência criativa que os antecede, mas num território onde se movimentam outras imagens que interpelam e constroem o discurso artístico.

Os dois artistas sabem que nem as coisas em si mesmas, nem os sujeitos que utilizam a linguagem (independentemente do código usado) possuem, unilateralmente, a capacidade de produzir e cristalizar significados. O significado é sempre construído através de práticas e processos simbólicos que constituem sistemas de representação. Ao inscrever-se num contínuo espacial e temporal expandido, a representação insurge-se enquanto acção, prática, trabalho, operação: a representação é performativa. Apesar de os signos possuírem uma dimensão material, são os processos intelectual, social e cultural que accionam a sua capacidade de representar, que não é inerente a essa materialidade, mas depende da sua função simbólica. As imagens não se constituem para representarem, são aceites e partilhadas porque representam.

A verdade são as máscaras. Todas as máscaras.

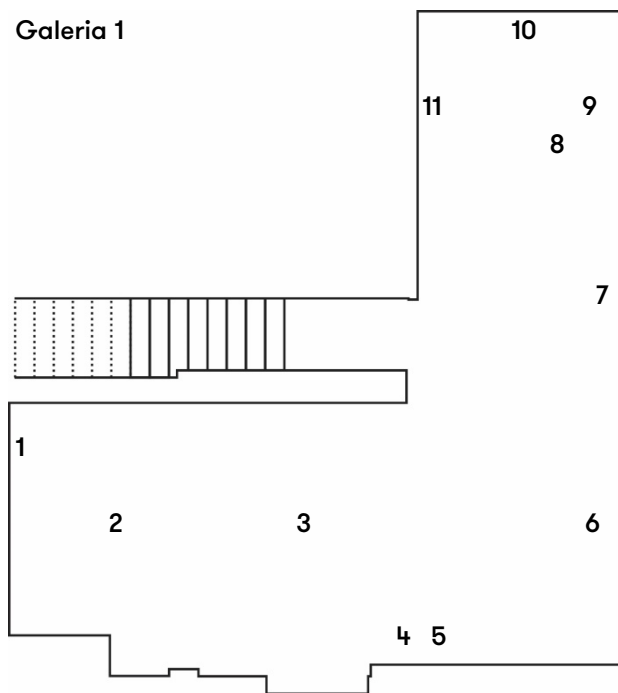
# 3 + 1

António Neves Nobre nasceu em 1993. Vive e trabalha em Lisboa. É licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Foi artista nomeado para o prémio Arte Jovem, Prémio Nacional para alunos de Artes Visuais, Carpe Diem Arte e Pesquisa, 2016. Recentemente realizou a exposição individual *Testemunhas*, Travessa da Amorosa, Lisboa (2017) Participou também nas seguintes exposições colectivas: *Alguns Desenhos*, Rua Actriz Virgínia, Lisboa (2016) *Casa Ocupada*, Casa da Dona Laura, Lisboa (2016) *Finalistas Pintura Belas- Artes 14'15*, Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa (2016) *Arte Jovem*, Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa (2016) *Ciclo Corda Bamba*, Casa Ferreira, Lisboa (2016) *Cast a Cold Eye*, Museu Condes de Castro Guimarães, Cascais (2015) *Ninguém diz Nada*, Quinta da Alagoa, Carcavelos (2013) *96 Horas*, Espaço Porta 6, Lisboa (2012).

Rita Ferreira (1991), vive e trabalha entre Lisboa e Berlim. É licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Venceu, em 2016, a Bolsa Jovens Criadores do Centro Nacional da Cultura. Realizou a primeira exposição individual na Galeria Diferença em Lisboa intitulada *Boca Seca Coluna Húmida* com curadoria de Ana Cristina Cachola em 2017. Entre as exposições colectivas contam-se: *A coisa está preta*, curadoria de Pipi Colonial (Ana Cristina Cachola, Daniela Agostinho e Joana Mayer), Bregas, Lisboa (2017); *Primeira Página*, Galeria Módulo, Lisboa; *O Papel do desenho. O mundo é a minha imaginação*, Galeria Angeles Baños, Badajoz; *Finalistas de Pintura*, SNBA, Lisboa em 2014; *Ninguém diz nada*, Quinta da Alagoa, Carcavelos, Lisboa; *FUSO- Anual de Video de Arte Internacional de Lisboa*, Museu da Electricidade, Lisboa; *Summer Calling*, Sala do Veado - MNHNC, Lisboa em 2013; *Piquete*, Residências Coop, Lisboa e GAB-A, FBAUL, Lisboa em 2012. Publicou na Revista Contemporânea uma entrevista ao artista André Romão intitulada *A política sente-se nos ossos* em 2016 e integrou ainda o corpo editorial da *Revista Marte#05 - Os processos da arte* juntamente com Catarina Rosendo, Igor Jesus, Ligia Afonso e Sara Brito na qual publicou ainda uma entrevista ao artista José Loureiro intitulada *A pintura é uma sardinha* em 2014.

# 3 +1

Tudo o que é profundo ama a máscara  
**ANTÓNIO NEVES NOBRE e RITA FERREIRA**  
Curadora ANA CRISTINA CACHOLA



1. Rita Ferreira, Rede, 2017  
Óleo sobre papel, 80 x 60cm

2. Rita Ferreira, Anel | Joelheira, 2017, Óleo sobre papel e estrutura de latão, 215 x 181 x 36 cm

3. Rita Ferreira, Leite de Cabra | Pétala, 2017, Óleo sobre papel e estrutura de latão, 215 x 181 x 36 cm

4. António Neves Nobre, Sem título, 2017  
Óleo sobre tela, 60 x 40 cm

5. António Neves Nobre, Sem título, 2017  
Óleo sobre tela, 60 x 40 cm

6. António Neves Nobre, Sem título, 2017  
Óleo sobre tecido, 220 x 267 x 135 cm

7. António Neves Nobre, Sem título, 2017  
Óleo e papel sobre tela, 3 x 40 x 30 cm (Tríptico)

8. Rita Ferreira, Foguete, 2017, Óleo sobre papel e estrutura de latão, 100 x 70 x 25 cm

9. Rita Ferreira, Fino, 2017, Óleo sobre papel e estrutura de latão, 100 x 70 x 25 cm

10. Rita Ferreira, Manga, 2017  
Óleo sobre papel, 196 x 228cm

11. António Neves Nobre, Sem título, 2017  
Óleo sobre tela, 150 x 120 cm



12. António Neves Nobre, Sem título, 2017  
Óleo sobre tela, 220 x 180 cm

13. António Neves Nobre, Sem título, 2017  
Óleo sobre tela, 220 x 180 cm

14. Rita Ferreira, Queria morrer anonimamente no deserto, 2017, Óleo sobre papel e estrutura de latão (7x) 54 x 40 x 15 cm (Políptico)